



MARCAS DO PASSADO E OS ENSINAMENTOS DA PEDRA ARDENTE DE EDUARDO GALEANO: UMA ANÁLISE

Autor: André Cássio dos Santos Rodrigues

*Universidade Federal de Campina Grande
ac_srodrigues@outlook.com*

Resumo: O presente artigo busca realizar uma pequena análise do conto “La piedra arde”, de Eduardo Galeano, um dos grandes escritores da literatura hispano-americana, levando também em consideração alguns ensinamentos que a obra carrega no que se refere às marcas que o passado pode causar em nossa vida e como lidar com elas. Esta obra foi escrita para crianças e traz ilustrações de Luis de Horna, entretanto o teor de seus ensinamentos é de grande valia a qualquer pessoa de qualquer idade. A partir da leitura do conto do escritor uruguaio e de sua análise feita com auxílio de orientações encontradas no livro “Como analisar narrativas”, será exposta, de forma sucinta, as partes que compõem a narrativa e exemplificadas com trechos do conto de Galeano. Para abordar a respeito das marcas do passado e dos ensinamentos do conto, serão utilizados conhecimentos do pai da logoterapia, Victor Frankl. Este artigo está ancorado nos textos de GANCHO (2004) para realização da análise do conto, NOGUEIRA e LEMOS (2013) e FRANKL (1997) para interpretação, análise e abordar a questão das marcas do passado. A partir do conto de Galeano e dos ensinamentos de Victor Frankl pode-se chegar à conclusão de que não se pode negar aquilo que foi vivido, até mesmo aquilo que parece ser algo ruim, o que importa é o sentido que se dá ao passado para bem viver o presente. É um conto que leva o leitor a deparar-se com a vida, sua identidade, com a aceitação de sua história, e mostra a utopia de poder esquecer o passado para tomar um novo rumo, deixando de lado as marcas “negativas” que vida carrega.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana, Análise textual, Eduardo Galeano.

INTRODUÇÃO

Eduardo Germán María Hughes Galeano foi um grande escritor e jornalista hispano-americano. De nacionalidade uruguaia, nasceu aos 3 de setembro de 1940 na cidade de Montevideo. Pertenceu a uma família católica e de classe média. A princípio tinha vontade de ser jogador de futebol, mas tinha habilidades para tal feito. Então exerceu alguns trabalhos, entre eles o de caixa e o de datilógrafo, entretanto a escrita foi seu grande destaque.

Publicou *Las venas abiertas de América Latina* (1971), um livro que foi censurado pelo governo uruguaio e faz o escritor ser perseguido. Em 1973 foi preso durante





VII ENLIJE

exilado na Argentina, lugar onde fundou a revista cultural *Crisis*. Em 1976, por conta da ditadura viajou para a Espanha onde escreveu *Memoria del fuego*, e no mesmo ano retornou ao Uruguai.

A obra de Galeano nos leva a ler e pensar sobre as questões voltadas a pobreza, a miséria moral e material, e dentre os gêneros escritos por ele, os mais comuns são os de caráter documental, ficção, jornalístico, análise político e histórico. O escritor também ganhou vários prêmios, incluindo o Prêmio Internacional de Direitos Humanos, pela Global Exchange. Em 2015 faleceu em Montevideo.

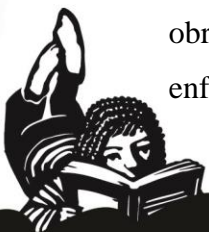
Este artigo busca realizar uma análise do livro *La piedra arde*, obra do escritor uruaio. Trata-se da 5ª edição do livro, publicada pela Lóguez Ediciones em 1993. A primeira edição é de 1980. Este é um livro infanto-juvenil, com ilustrações feitas por Luis de Horna. Uma história que traz grandes ensinamentos sobre identidade, aceitação do passado que, se ordenado para o que é bom, faz com que os fatos passados não interfiram em nosso presente de forma negativa.

A análise desse texto será realizada a partir das orientações encontradas no livro de Gancho (2004) *Como analisar narrativas*. A autora faz mostra das partes que a narrativa possui, norteando como realizar uma boa análise de cada uma dessas partes e como ordenar a análise de um texto narrativo.

Além da análise textual, também se objetiva com esse artigo abordar sobre os ensinamentos que essa obra de Galeano carrega no que diz respeito a marcas do passado e a identidade. Perguntas do tipo “Como tratar situações da vida que, a princípio, parecem ser uma desgraça que irão interferir negativamente no futuro?” ou “Como se relacionar bem, hoje, com as marcas aparentemente negativas que passado causou?” podem encontrar sua resposta ao depararmos com um dos personagens da narrativa.

O livro *Tecendo o fio de ouro* de Nogueira e Lemos (2013) nos mostra, dentre os vários temas abordados, o que fazer com o passado, como aceitá-lo e não se aprisionar a ele, e dar a ele um novo sentido. Isso com a finalidade de transformar nosso presente e futuro, oferecendo caminhos para liberdade interior e autoconhecimento.

Rovai (2010) com texto *A pedra que arde: direito à memória contra a sedução do esquecimento* expõe sua análise sobre o texto de Galeano. A autora expõe que assim como na obra de Galeano, todos tem direito de expor sua memória dolorosa, não como algo solto, ou enfadonho, mas como algo que faz parte de si, de sua história, de seu destino, de sua identidade.





VII ENLIJE

É preciso dar voz ao passado a fim de não apenas fazer memória, mas refazer, reconstruir e repensar que ao ocorrido há um “por quê” e um “para quê?”.

Para finalizar o campo teórico que funda este escrito, foi utilizado o livro *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Um relato pessoal do pai da logoterapia (terapia do sentido), que ao passar pelo campo de concentração de Auschwitz percebeu que as pessoas, mesmo em grande estado de miséria insistiam em continuar vivas. Ele percebeu que essas pessoas possuíam um sentido maior que o sofrimento vivido que as fazia lutar para viver, ser mais humanos e a lidar com a culpa, a dor e o sofrimento.

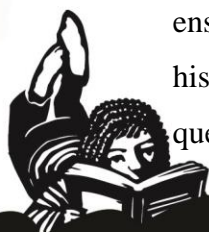
Levando também em consideração minha experiência em sala de aula, creio que esse texto de Eduardo Galeano, além de trabalhar a língua ou a literatura em si e tudo o que as envolve, é capaz de trabalhar também o humano das pessoas. Na qualidade de um estudante de uma licenciatura, eu preciso levar em consideração que o passado dos alunos pode interferir em seu modo de viver seu presente e até seu desenvolvimento cognitivo.

O livro *La piedra arde* além de ser uma leitura prazerosa e de fácil compreensão e profunda interpretação, é uma obra que provoca, inspira, que inquieta e que direciona o leitor a deparar-se com sua vida e, a depender do caso, buscar dar-lhe um novo sentido. A partir do momento em que se dá voz ao passado, muito pode ser modificado para melhor e esta obra é capaz de gerar essa significativa mudança na vida do leitor.

METODOLOGIA

O passado é a única experiência concreta que possuímos, isso de acordo com Victor Frankl e Santo Agostinho, e é a única coisa que nos pertence no sentido de habitar perfeitamente em nosso interior e poder interferir em nosso presente e futuro. Considerando que esta interferência pode ser positiva ou negativa, a depender do que foi vivido. Aquilo que foi bom será transformado em boa memória, mas aquilo que aparentou ser um fato doloroso também tem sua carga positiva se buscarmos ordenar o passado para aquilo que é bom.

Trazendo essa realidade à área da literatura hispano-americana, encontramos esse ensinamento no livro *La piedra arde* do escritor uruguaio Eduardo Galeano. Uma obra cuja história fala de Carassuja, um garoto que, tentando roubar maçãs, caiu no quintal de um velho que trazia consigo feridas interiores e exteriores. Certo dia ao se perder na floresta, o garoto





VII ENLIJE

encontra uma pedra mágica que garantia devolver a juventude a pessoa que a quebrasse. Logo o menino pensou que a pedra poderia ajudar o velho ancião. Dias depois, os dois foram ao local onde a pedra ficava, mas o velho não quis quebrá-la, pois se o fizesse seria uma traição com seu passado. E, pela primeira vez em muito tempo, o ancião contou da sua vida e de cada marca que ele carregava consigo.

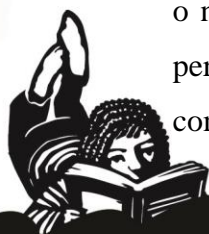
Enfim, o velho lhe revela suas razões: o direito e o dever de lembrar e de carregar suas marcas, que não são apenas particulares, mas frutos de uma experiência coletiva, de uma identidade que não deve ser esquecida e sim, honrosamente, preservada. (ROVAI, 2010, p.11)

Ao falar nos personagens da história, que são apenas dois (o velho e Carassuja), ambos protagonistas da narrativa, já que são os principais na trama. Carassuja é um personagem plano (GANCHO, 2004, p. 16), não possui muitas informações a seu respeito, de acordo com o narrador é um garoto curioso e hiperativo. O velho, ao contrário, é um personagem redondo (GANCHO, 2004, p. 18) por ser um personagem mais complexo e ter maior número de características. Era um velho sozinho e solteiro, ninguém sabia de onde ele vinha, corcunda, manco, possuía pouco cabelo e este era muito branco. Possuía uma cicatriz na bochecha, seu nariz era torcido e lhe faltavam dentes. Fazia cestas de vime e sandálias de cânhamo, que dava aos seus vizinhos sem querer nada em troca. Apesar de tudo, seu nome não é citado na história. São personagens bem opostos. Um velho e um garoto. Um bem descrito e o outro descrito com apenas um adjetivo. Um sem nome e o outro nomeado.

Em relação ao tempo da história, este precisa ser analisado em vários níveis: a época em que foi escrito o texto, a duração da história, o tempo cronológico e o tempo psicológico (GANCHO, 2004, p. 20-22). Em *La piedra arde* encontra-se referência à época dos anos 70, tempo da perseguição política no Uruguai. Existe na narrativa tanto o tempo cronológico, quanto o psicológico, e toda a história se passa em alguns dias durante o outono.

Todas as ações do texto se passam em Pueblo Niebla, mais precisamente na casa do velho e no bosque. Não há muitas descrições do espaço, mas o que facilita sua imaginação são as ilustrações presente na obra.

O narrador, parte fundamental de toda narrativa, e pode ser de primeira pessoa, de terceira pessoa, narrador intruso ou narrador parcial (GANCHO, 2004, p. 27-28). Na trama de Galeano, o narrador é onisciente, ou de terceira pessoa, e intruso também. Ele tudo sabe a cerca dos personagens, inclusive seus pensamentos e isso é observado quando conta “¡El viejo bailará como un trompo y saltará como una pulga y volará como un pájaro! ¡No volverá a tenerlo. Tendrá





VII ENLIJE

las piernas sanas y una cara sin tajos y una boca con todos los dientes!” (GALEANO, 1993, p. 9) e em “El niño sentía que la mano del viejo era muy calentita” (GALEANO, 1993, p. 19).

Existem muitas temáticas a se explorar nesta obra de Galeano, como por exemplo, a superação e aceitação do passado, respeito aos mais velhos, aceitar os defeitos físicos das pessoas, identidade e o valor da memória. Apesar de serem temas aparentemente complexos de se trabalhar, a obra é indicada ao público infanto-juvenil, isso porque o autor já expôs que “[...] los niños suelen ser mucho más vivos que nosotros, mucho más inteligentes y más sutiles [...] Lo que o hice fue contar a mi manera esas historias, en un lenguaje que pudiera ser atractivo no para lectores especializados.”

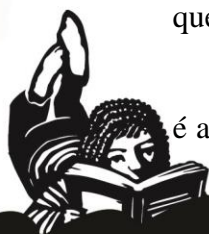
Mais que ensinar apenas às crianças e aos jovens, o texto presente nessa narrativa tem muito a falar a toda espécie de público, já que todos carregamos nosso passado e, com ele, algumas marcas. Estas, como já dito, podem ser boas ou não dependendo daquilo que fazemos com elas. Cencini ensina que o homem não é responsável pelo seu passado, mas é pelo que faz em vista dele em seu presente (1999, p. 47) e complementando com o que diz Rovai:

A memória traumática não é um lamento, mas a possibilidade de digerir a experiência dolorosa. É assumir, como na história de Eduardo Galeano, as marcas, as cicatrizes, o compromisso com uma trajetória, um destino em comum. [...] Trata-se não de “dar voz” aos silenciados, porque a voz sempre lhes pertenceu. Trata-se da conquista do espaço social da escuta, da apropriação das palavras que sejam capazes de mover a indiferença ou acomodação social em relação ao passado. (2010, p. 13)

O velho da história de Galeano poderia ser um desses que, por conta de seu passado, viveria seu presente de forma traumatizada e preferia esquecer-se dele, negando a única coisa que lhe pertence e fazendo algo que não é muito inteligente (NOGUEIRA e LEMOS, 2013 p. 77). Ao contrário, ele vive numa relação madura com o que já viveu, aceitando e superando o passado e dando a ele um novo rumo para, assim ter um presente e futuro bem ordenados.

Ao fazer eco a Santo Agostinho, Nogueira e Lemos (2013, p. 33) dizem que o passado não é um rio congelado que nos prende e nos paralisa, mas sim um rio que é fértil e de água corrente, que traz vida e nos leva a prosseguir com coragem. Ou seja, elas dizem que nosso passado não é algo fechado, mas inconcluso que nos leva ao futuro e alimenta o presente. Quebrar o gelo, então, é necessário para fazer com que esse rio faça o que tem que fazer, mesmo que causem dores.

Nesse ponto pode-se acrescentar o sentido do sofrer, já que todo sofrimento passado, que é algo que pertence ao ser humano, precisa ser aceito e transformado (quebrar o gelo) e assim





VII ENLIJE

fez o velho da história, que passou por muitos sofrimentos, que causou marcas, ao longo de sua vida e para cada um deles, ele soube aceitar e dar um novo sentido ao que foi vivido. Victor Frankl, o pai da logoterapia vem nos ensinar sobre sofrimento:

“Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado, e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação [...] somos desafiados a mudar a nós mesmos. É preciso deixar perfeitamente claro, no entanto, que o sofrimento não é de modo algum necessário para encontrar sentido [...] sofrer desnecessariamente é ser masoquista e não heroico. (FRANKL, 1997, p. 101)

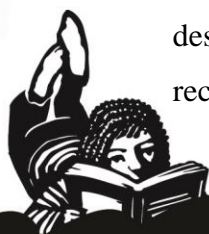
Na narrativa, o velho bem poderia pensar como muitos e viver no “é meu passado e não posso fazer nada”, não atribuindo-lhe sentido algum, mas é perceptível que ele faz o que ensina Cencini: “O princípio de base é este: o homem pode não ser responsável pelo seu passado, mas de qualquer forma é responsável pela atitude que assumir, no presente, em face do seu passado” (CENCINI, 1999, p. 47).

CONCLUSÃO

“No parto la piedra porque sería una traición” (GALEANO, 1993, p. 19), seria deixar o rio congelado, com certeza. O velho, personagem do livro *La piedra arde*, percebeu o valor do passado, sabia que negá-lo ou tentar esquecê-lo seria acabar com a única coisa que ele possuía. Ele o assumiu, lhe deu um novo sentido e manteve uma relação madura com seu passado, com sua história, com seus sofrimentos.

Esta obra de Eduardo Galeano, com certeza, mais que ser uma leitura agradável de realizar e até de analisar, nos faz ler e analisar a nós mesmos. Independente de ser um livro infanto-juvenil, diz muito a todos, e em especial aos que não querem fazer memória ao seu passado, que assim como o do velho solitário, não era um tempo tão feliz assim.

O velho aceitou o desafio de mudar a si mesmo e tomar uma atitude boa em relação ao seu passado e, cheio de coragem, soube dizer não a utopia de poder modifica-lo, ao se deparar com a possibilidade de quebrar a pedra. Um objeto que poderia fazer arder em muita gente o desejo de retornar a ser jovem, de refazer o que foi feito, de esquecer fatos, pessoas, recordações, dores, etc. Em resumo, o velho foi corajoso em aceitar-se como é. (83) 3322.3222





VII ENLIJE

Trazendo a realidade de sala de aula, um professor poderia auxiliar muitos alunos (e até colegas de profissão e familiares) a partir do que aprende/ensina com esse texto. Mostrar-lhes o valor de sua identidade, de seu passado, de suas histórias, mesmo com suas dores, perdas, culpas e sofrimentos, e, possivelmente, fazer com que eles ajam como o velho da história, atribuindo um novo, e bom, sentido à sua vida.

Educar também implicar em humanizar. Padre Dirceu Balestrin ensina que “Humanizar em educação é situar os processos e as práticas educativas do docente nos anseios e nas lutas de todo ser humano para tornar-se mais humano. A educação humanizadora é a raiz de todo o ato educativo” (2010).

La piedra arde, faz arder sim a vontade de abrir-se a vida como ela é e foi, a aceitar o passado, ao qual não fomos responsáveis, e entender que nossa identidade hoje pode ser modificada para melhor se dermos aos fatos passados um novo e bom sentido. Seguir é preciso, e o professor precisa, também, mostrar isso ao seu aluno e ajuda-lo, se necessário, a descongelar o rio.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Dirceu. **A função humanizadora do professor**. 15 de outubro de 2010. Disponível em: <http://www.catedralsaojose.org.br/catedral2011/reflexao/4486-a-funcao-humanizadora-do-professor.html> . Acesso em: 25 de setembro de 2018.

BRÁS, Eli. **Anos 70 e fatos de uma década**. Ano 70. 25 de setembro de 2015. Disponível em: <http://ano70.com.br/anos-70-e-os-fatos-de-uma-decada/> . Acesso em: 18 de setembro de 2018.

CENCINI, Amedeo. **Redescobrimo o Mistério**: Guia informativo para as decisões vocacionais. São Paulo: Paulinas, 1999.

ESCRITORES.ORG. **Biografia**. Disponível em: <http://www.escretores.org/biografias/374-eduardo-galeano> . Acesso em: 18 de setembro de 2018.

FRANKL, Victor. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Coleção Logoterapia. vol. 3. 7. ed. São Paulo: Vozes e Sinodal, 1997.





VII ENLIJE

GALEANO, Eduardo. Entrevista. **Eduardo Galeano: “Los niños suelen ser mucho más vivos que nosotros, más inteligentes y más sutiles”**. Pablo Espinosa. Fundación La fuente. 16 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.fundacionlafuente.cl/eduardo-galeano-la-literatura-infantil-es-una-literatura-terrorista/> . Acesso em: 18 de setembro de 2018.

GALEANO, Eduardo. **La piedra arde**. 5. ed. Madrid: Lóguez Ediciones, 1993.

GANCHO, Cândida V. **Como analizar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática. 2004.

IBBY. Entrevista Eduardo Galeano responde ao IBBY. 1995. Disponível em: https://www.ibbyuruguay.org/e_galeano.html. Acesso em: 28 ago. 2018.

NOGUEIRA, Maria Emmir O; LEMOS, Silvia Maria L. **Tecendo o fio de ouro: Itinerário para o autoconhecimento e a liberdade interior**. 13 ed. Aquiraz-CE: Edições Shalom, 2013.

ROVAI, Marta Gouveia de O. **A PEDRA QUE ARDE: O DIREITO À MEMÓRIA CONTRA A SEDUÇÃO DO ESQUECIMENTO**. sÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA, João Pessoa, nº 23, p. 11-17, jul./ dez. 2010.

